

## SIMPÓSIO AT157

### MAPAS DE SENTIDOS EM CADERNOS DE MEMÓRIA

BENITES, Flávio Roberto Gomes  
UNEMAT – Universidade do Estado de Mato Grosso (MT/BRASIL)/Cnpq  
frgbenites@unemat.br

**Resumo:** Como parte integrante do projeto de pesquisa “Entre a pertença e o exílio: língua e exclusão em discursos sobre a migração em Mato Grosso”, cujo estágio está em desenvolvimento, e sob o financiamento do CNPq, neste trabalho, pretendemos apresentar resultados de análise sobre a constituição de sentidos no processo de nomeação de ruas em Tangará da Serra, no Estado de Mato Grosso. Para a realização desta tarefa, temos como base teórica de discussão o ponto de vista discursivo-deconstrutivista e a metodologia é de cunho bibliográfico. A partir dessa contextualização, fizemos o levantamento da história dos chamados pioneiros da cidade de Tangará da Serra, considerando como objeto de estudo três fascículos com o título “Memória: uma coletânea de reportagens publicadas no Diário da Serra sobre topônimos tangaraenses”. Uma observação importante a se registrar é que as ruas da cidade foram, primeiramente, registradas com números, que continuam sendo a referência do endereçamento para os moradores até hoje, apesar de receber, posteriormente, nomes de pessoas tidas como importantes na fundação e estruturação da cidade. Com uma primeira visada nessas narrativas, nessas letras, é possível vermos que, sob os números de ruas, escondem-se memórias que insistem em lutar contra o esquecimento provocado, talvez, pela frieza dos números.

**Palavras-chaves:** Memória; Rua; Sentidos.

**Abstract:** As an part of the research project "Between belonging and exile: language and exclusion in discourses about migration in *Mato Grosso*", whose stage is under development, and under CNPq funding, in this work, we intend to present analysis results on the sense constitution in the process of naming streets in Tangará da Serra, in the State of *Mato Grosso* (Brazil). For the accomplishment of this task, we have as theoretical basis of discussion the discursive-deconstructivist point of view and the methodology is bibliographical. From this context, we made a survey of the history of the so-called pioneers of the city of *Tangará da Serra*, considering as object of study three fascicles with the title "Memory: a collection of articles published in Diário da Serra on tangaraenses toponyms". An important observation to note is that the streets of the city were first registered with numbers, which continue to be the reference of the address to the residents until today, although later on they receive names of people considered important in the foundation and structuring of the city. With a first observation at these narratives, in these letters, it is possible to see that, under street numbers, memories are hidden that insist on fighting the oblivion caused, perhaps, by the coldness of numbers.

**Keywords:** Memory; Street; Senses.

## Considerações iniciais

Do ponto de vista de um observador comum e tomando seu cotidiano ordinário, o nome de uma rua pode ser tomado simplesmente como um endereçamento, um destino aonde se quer chegar. Isso implica dizer que, nesse caso, há uma finalidade prática e o significado do nome apresenta-se de modo estabilizado, conforme nos aponta Guimarães (2002, p.43), ao introduzir considerações acerca de nomes de ruas. A partir de um olhar discursivo, o ato ou processo de nomeação é atravessado por questões linguísticas e políticas, já que levamos em conta quem nomeia (diz) e as condições enunciativas que possibilitam essa nomeação.

É essa seara, que envolve relações entre o dizer (nomear/enunciar) e suas condições, que procuramos estudar neste texto, tendo como objetivo apresentar resultados de análises sobre a constituição de sentidos no processo de nomeação de ruas na cidade de Tangará da Serra (Estado de Mato Grosso), como parte do projeto de pesquisa “Entre a pertença e o exílio: língua e exclusão em discursos sobre a migração em Mato Grosso”, sob o financiamento do CNPq.

### 1. Visada teórico-metodológica

Para a realização desta tarefa, temos como base teórica de discussão o ponto de vista discursivo-desconstrutivista, referendando o conceito de *memória discursiva* em M. Pêcheux, *formação discursiva e arquivo* em M. Foucault e *arquivo* em J. Derrida; este último dialoga com a visão freudiana de psicanálise como vemos abaixo.

A memória da qual tratamos aqui não se refere àquela proveniente da cognição, de cunho psicológico, em que se procura estudar o comportamento humano relacionando-o com a capacidade cognitiva (como o raciocínio, por exemplo) para realizar atividades esperadas, conscientes, portanto. Nossa perspectiva considera uma *memória social e histórica*. Situando a memória na dimensão do histórico e do linguístico, podemos tomá-la como condição de interpretação do presente e reinterpretação do passado; podemos entendê-la,

inclusive, como elemento organizador dos discursos, sendo, portanto, uma *memória discursiva* (interdiscurso) que atravessa o discurso dos sujeitos. Do ponto de vista pecheutiano, a memória discursiva

seria aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os “implícitos” (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos-transversos etc.) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível. (PÊCHEUX, 1999, p.52)

Considerando o retorno ao já-dito, a memória pode ser encarada como *arquivo*. Condição do legível sim, mas entendido enquanto “[...] a lei do que pode ser dito, o sistema que rege o aparecimento dos enunciados como acontecimentos singulares” (FOUCAULT [1969], 2004. p.147). Pensado nesses termos, podemos ver uma confluência entre arquivo e *formação discursiva*; esta é concebida por Foucault (1969) como regras anônimas que determinam a maneira de pensar, de interpretar, de agir de cada sociedade.

Essa mesma impressão podemos dizer de Derrida, para quem, problematizando a etimologia grega do termo, o arquivo (*arkhé*) traz a memória, ao mesmo tempo, de *começo* e *comando*. Conforme descreve,

[...] o sentido de ‘arquivo’, seu único sentido, vem para ele do *arkheion* grego: inicialmente uma casa, um domicílio, um endereço, a residência dos magistrados superiores, os *arcontes*, aqueles que comandavam [...] Levada em conta sua autoridade publicamente reconhecida, era em seu lar, nesse *lugar* que era a casa deles [...] que se depositavam então os documentos oficiais. (DERRIDA, 1995, p.12)

Os arcontes eram, além de guardiões, intérpretes do arquivo; razão por que se fala em conservação, em preservação de uma memória do passado que se lança ao futuro como promessa. Entretanto, refletindo acerca da *instituição* e o *projeto teórico da psicanálise* em Freud, Derrida defende uma contradição no próprio arquivo, pois, só há desejo de arquivo porque há uma ameaça de destruição que o impulsiona ao esquecimento. Assim, o arquivo é, ao mesmo tempo, “revolucionário e tradicional” (DERRIDA, 1995, p.17).

O procedimento metodológico que adotamos tem um cunho bibliográfico, pois fizemos o levantamento da história dos chamados pioneiros da cidade de Tangará da Serra, considerando como objeto de estudo três fascículos com o título *Memória: uma coletânea de reportagens publicadas no Diário da Serra sobre topônimos tangaraenses*. Para esta análise, extraímos 4 excertos do primeiro fascículo; são narrativas dos parentes dos migrantes homenageados postumamente com nome de ruas, ou seja, tomamos a memória contada ao jornalista que fez o registro nos cadernos acima citados. Uma observação importante a se fazer é que as ruas de Tangará da Serra, na sua fundação, foram registradas com números, que continuam sendo a referência do endereçamento para os moradores até hoje, apesar de receberem, posteriormente, nomes de pessoas tidas como importantes na fundação e estruturação da cidade: “[...] levam o nome de *pioneiros* que deram sua contribuição na formação da cidade” (TORMES, 2013, p.05. Grifo nosso).

## 2. Os sentidos de *pioneirismo* nas memórias sobre a chegada

Uma questão que se nos apresenta como regular, tanto na voz dos parentes quanto na narração do jornalista, é que, nesses cadernos, chama-nos a atenção os deslizamentos de sentidos que são frequentemente reverberados no significante *pioneiro*, sobre o qual fazemos uma problematização a partir do conceito de memória.

Em um contexto de migração, como o caso que estamos pesquisando, na tradição, enquanto lugar de memória, os sujeitos tendem a circunscrever seu lugar social e suas relações com o outro, fornecendo o efeito de sentido necessário para que os descendentes dos pioneiros migrantes, bem como o jornalista, possam construir representações sobre seus ascendentes. Notemos, assim, os seguintes excertos e seus destaques:

1. [...] ganhamos a oportunidade, através desse Projeto, de conhecer um pouco sobre a atividade desses *desbravadores* que deram a sua contribuição para o desenvolvimento tangaraense. (TORMES, 2013, p.05)

2. Em meio a toda esta turbulência, desembarcou por aqui a família de Antônio Barbero Herrero e Paulina Pavan. Primeiro vieram dois dos onze filhos do seu Antônio, motivados pela ‘fama’ de num *novo eldorado* no interior do país. (ROLIM, 2013, p.17)
3. Antônio Hortolani, mais que um *colonizador*, um herói. Um *herói incosteste* é o colonizador Antônio Hortolani. (ROLIM, 2013, p.23)
4. Ele não teve dúvidas, este era o local ideal para morar os seus últimos anos de vida. E foi justamente isso o que aconteceu: regressou para Pinheiros (ES) e anos depois veio com toda a família para a *terra prometida*. (ROLIM, 2013, p.42)

A voz do diretor do Jornal Diário da Serra, no excerto 1, apresenta os migrantes homenageados como *desbravadores* e faz ressoar sentidos que encontram sustentação na memória colonial e na formação discursiva do brasileiro. A propósito disto, consideremos os deslizamentos de sentidos do significante *colonização* apresentados por Bosi (1992). Segundo ele, “colo” é um verbo latino do qual derivaram as palavras *colonização, cultura, culto, íncola* [habitante], *agrícola...*

O traço grosso da dominação é inerente as diversas formas de colonizar e, quase sempre, as sobredetermina. *Tomar conta de*, sentido básico de *colo*, importa não só em *cuidar*, mas também em *mandar*. Nem sempre, é verdade, o colonizador se verá a si mesmo como a um simples conquistador; então buscará passar aos descendentes a imagem do descobridor e do povoador, títulos a que, enquanto pioneiro, faria jus. (BOSI, 1992, p. 05-06)

Esse sentido de conquistador flerta com o de pioneiro. Vejamos a relação de sentido com o excerto 3, no qual destacamos o termo *colonizador*, atributo dado a Antônio Hortolani, um paulista de Tibiriçá, que migrou para Tangará da Serra em 1960 e recebeu homenagem com a nomeação da rua 09 e também de uma escola estadual. Funcionando de modo metonímico, o enunciador jornalista intesifica as qualidades deste migrante a partir do atributo *herói inconteste*,

rechaçando qualquer possível dúvida frente a seus atos. A partir da memória do dizer, do interdiscurso, os termos *desbravador*, *colonizador*, trazendo os sentidos de precursores no lugar (pioneiros), permitem-nos estabelecer uma filiação ao discurso do bandeirante, figura arquetípica do colonizador no Brasil; aquele que caminha na frente, que primeiro abre ou descobre caminhos.

Quanto ao excerto 2, o enunciado “motivados pela *fama* de num *novo eldorado* no interior do país”, enquanto parte da rede de memória colonial, remonta à década de 1970 e ecoa sentidos desenvolvimentistas. Nesse período, intensificou-se a vinda de empresas e povos de outras regiões do país, resultado da chamada *Marcha para o Oeste*, movimento iniciado ainda no governo do Presidente Getúlio Vargas, com o objetivo de povoar a inexplorada vasta área da região Centro-Oeste e integrá-la ao resto do Brasil. De acordo com o pensamento de seus dirigentes na época, como elite centralizada na capital Cuiabá, o Estado não poderia mais ser visto como território *vazio*, *improdutivo* e *selvagem*, já que nele predominavam a mata amazônica (na porção norte) e o característico cerrado do Centro-Oeste. Não somente os dirigentes, mas também escritores mato-grossenses corroboram tal posicionamento; é o caso, por exemplo, de Póvoas (1977) que, ao lançar seu livro *Mato Grosso: um convite à fortuna*, o tem como uma espécie de propaganda ufanista do Estado. Nesse livro, o autor, conhecedor da procura por oportunidades de negócios, exagera nos atributos à sua terra e lamenta o desconhecimento de suas riquezas, como podemos observar no seguinte trecho:

É incalculável o número de pessoas, *especialmente do sul do Brasil*, que buscam informações sobre as terras e as oportunidades de negócios no vasto Estado Central. [A] falta de divulgação faz com que, lamentavelmente, ainda haja, *no litoral*, brasileiros para os quais Mato Grosso seja, até hoje, ‘uma terra longínqua, inóspita e selvagem’ [...] Move-nos o amor à terra natal; à imensidão e às belezas do seu território; aos lances épicos de sua história; ao que o homem nela construiu, sozinho, desassistido, por muito tempo, do Poder Central, em empreendimentos arrojados; às riquezas incalculáveis e ainda adormecidas. (PÓVOAS, 1977, p.09. Grifo nosso)

Notemos que o mesmo discurso fundador é reverberado pelo enunciado do excerto 4, no qual o sujeito enunciativo apresenta a memória parental atravessada pelo discurso religioso: “anos depois veio com toda a família para a *terra prometida*”. Os sentidos bíblicos, já de domínio público, são projetados pelo enunciativo na medida em que rememora as provações do povo hebreu na saída do Egito. Assim, o descendente do migrante se vê como co-partícipe da mesma façanha, ou seja, passando por dificuldades semelhantes para, enfim, chegar à terra do leite.

### Considerações finais

Neste texto, refletimos acerca da constituição de sentidos no processo de nomeação de ruas na cidade de Tangará da Serra (Estado de Mato Grosso), a partir de um *corpus* extraído de narrativas sobre moradores migrantes que foram homenageados com nome de ruas. Uma vez que a reflexão é sucinta, recortamos enunciados, 4 excertos, que agrupam os sentidos de pioneirismo arrolados por familiares e pelo jornalista responsável pela coletânea.

Como dissemos, os traços da fundação da cidade são recobertos por números e, somente depois, as ruas receberam nome de pessoas tidas como pioneiras do lugar. Assim, nomear, não se restringe ao ato em si, mas se põe como ato que rememora o sentimento sobre a ocupação do espaço, mostrado enquanto resultado de esforço e provação cujo esquecimento é rechaçado pelas narrativas que compõem o arquivo da cidade, fazendo ponte entre o passado (pois as nomeações são referências póstumas) e o presente.

Convergindo com esse pensamento, Coracini observa que o arquivo é “[...] a garantia da memória – ao mesmo tempo em que é por ela garantido; [...] [memória] que é responsável pela manutenção da tradição, dos aspectos culturais, dos conhecimentos que herdamos...” (CORACINI, 2010, p.130)

Nesses termos, o arquivo, enquanto memória herdada, como herança cultural, está também em constante transformação, mesmo que se queira conservá-lo intacto, como um espaço para a transmissão fiel de uma cultura, de

uma tradição. O nosso estudo avança em considerações importantes sobre os topônimos tangaraenses, pois mostra que, nessas narrativas, nessas letras, escondem-se memórias que insistem em lutar contra o esquecimento provocado, talvez, pela frieza dos números.

## Referências

BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

CORACINI, Maria José. **A memória em Derrida**: uma questão de arquivo e de sobre-vida. Caderno de Estudos Culturais. Campo Grande, MS, v. 2, p. 125-136, 2010.

DERRIDA, Jacques. **Mal de arquivo**: uma impressão freudiana (1995). Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

FOUCAULT, Michel. (1969). **Arqueologia do saber**. 7ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

GUIMARÃES, Eduardo. **Semântica do acontecimento**. Campinas: Pontes, 2002.

PÊCHEUX, Michel. Papel da memória. In: ACHARD, Pierre *et al.* **Papel da memória**. Campinas: Pontes, 1999. p. 49-57.

PÓVOAS, Lenine. **Mato Grosso**: um convite à fortuna. Rio de Janeiro: Guavira Editores, 1977.

ROLIN, Alexandre. **Memória**: coletânea de reportagens publicadas no Diário da Serra sobre topônimos tangaraenses. Tangará da Serra: Gráfica e Editora Diário da Serra, v. 1, p. 05, 2013.

TORMES, Evanir. Apresentação. In: ROLIN, Alexandre. **Memória**: coletânea de reportagens publicadas no Diário da Serra sobre topônimos tangaraenses. Tangará da Serra: Gráfica e Editora Diário da Serra, v. 1, p. 05, 2013.